

ADOLESCÊNCIA: CONSUMO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS

TEENAGERS: CONSUMPTION OF ALCOHOL AND OTHER DRUGS

Franklin Cristiano dos Reis

Biólogo. Acadêmico do Curso de Enfermagem do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais – UnilesteMG. franklincristiano@yahoo.com.br

Anderson Aquiles Silva

Enfermeiro. Especialista em Neurociência e Comportamento pela UFMG. Docente do Centro Universitário de Leste de Minas Gerais – UnilesteMG.

RESUMO

A utilização de drogas representa um grave problema de saúde pública, resultando em várias conseqüências biopsicossociais ao futuro dos adolescentes e de toda sociedade. O fácil acesso e a maior aceitação do uso, aliados aos sintomas depressivos, à insegurança e à curiosidade natural de experimentar novas sensações, faz com que os adolescentes se tornem alvos fáceis deste crescente “mercado”. Objetivou-se através deste estudo identificar o consumo de drogas lícitas e ilícitas entre os estudantes de uma escola pública do município de Timóteo, Minas Gerais, e discutir os fatores que podem desencadear sua utilização. Trata-se de um estudo com abordagem quantitativa do tipo descritivo utilizando conjuntamente como instrumento um questionário fechado de autopreenchimento, elaborado e adaptado de Gouveia *et al.* (2007), Guerrero *et al.* (2007), Kerr Corrêa *et al.* (2001) e a partir de critérios da Organização Mundial da Saúde. Constatou-se que a droga mais usada alguma vez na vida foi o álcool (41,54%) seguido pelo tabaco (23,03%). A Escala de Atitudes Frente Ao Uso de Drogas apresentou pontuação média entre os adolescentes que relataram utilização de alguma droga igual à 3,68, e 6,21 para os que não utilizaram. O teste de independência de Mann-Whitney apresentou-se estatisticamente significativo ($w=1466,5$; $p< 0,001$). Os resultados evidenciaram a necessidade da criação de um ambiente onde os adolescentes possam se expressar de forma à suprir suas inseguranças e a busca por parte dos profissionais de saúde, incluindo o enfermeiro, em trabalhar a percepção dos adolescentes de forma ampla, transcendendo ao efeito biológico.

PALAVRAS-CHAVE: Drogas. Adolescente. Enfermeiro.

ABSTRACT

The use of drugs is a serious public health problem, resulting in several biopsychosocial consequences for the future of all young people and society. The easy access and greater acceptance of the use, combined with the depression, the insecurity and natural curiosity to experience new sensations, makes the teenagers become easy targets of this growing "market." The objective was to identify through this study the consumption of licit and illicit drugs among students in public schools in the municipality of Timothy, Minas Gerais, and discuss the factors that may trigger their use. This is a study with a descriptive quantitative approach of using together a questionnaire as a tool for self closed, developed and adapted to Gouveia *et al.* (2007), Guerrero *et al.* (2007), Kerr Corrêa *et al.* (2001) and from criteria of the World Health Organization noted that the drug used most ever in life was alcohol (41.54%) followed by tobacco (23.03%). The scale of attitudes to drug use had average scores between adolescents who reported using any drug equal to 3.68, and 6.21 for those not used. The test of independence of Mann-Whitney test showed to be statistically significant ($w = 1466.5$, $p < 0.001$). The results showed a need to create an environment where teenagers can express

themselves in order to meet their insecurities and search for part of health professionals, including nurses, to work on perceptions of adolescents in a large, transcending the biological effect.

KEY WORDS: Drugs. Adolescents. Nurse.

INTRODUÇÃO

A utilização de drogas constitui-se em um fenômeno historicamente antigo na evolução humana e representa um grave problema de saúde pública, resultando em várias conseqüências pessoais e sociais ao futuro dos adolescentes e de toda sociedade (MARQUES; CRUZ, 2000).

O agravamento desses problemas tem exigido das instituições governamentais a adoção de estratégias e medidas que possam minimizar o uso de drogas por parte da população como um todo e, concomitantemente, impedir as conseqüências do uso de tais substâncias (LIMA, 1995).

No Brasil, assim como em muitos países, esses problemas também são relevantes. Segundo estimativas da Secretaria de Segurança Pública de São Paulo (SSP-SP), em 1980, 39% das ocorrências de ordem policial e 50% das internações psiquiátricas estavam associadas às complicações decorrentes do uso de álcool e outras drogas, levando, consecutivamente, ao aumento das despesas dos serviços de saúde uma vez que as manifestações clínicas psico-neurológicas demandam um grande número de atendimentos ambulatoriais e internações de curta e média duração (LIMA, 1995; QUEIROZ *et al.*, 2001).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (1997), a adolescência compreende o período entre 10 e 19 anos de idade e representa uma fase de grande vulnerabilidade devido aos fatores biopsicossociais aos quais os adolescentes estão sujeitos.

Durante este período de transição do estado infantil para o adulto, o adolescente estabelece uma identidade pessoal, assume o controle de sua vida social, adquire uma maior autonomia, experimenta novos contatos sociais, apresenta tendências grupais que, associados à curiosidade natural desta fase, aos conflitos vivenciados e à inserção/aceitação em grupos, tornam-os alvos fáceis à experimentar novas sensações, entre elas as drogas (MENEZES, 2005).

Segundo Scivoletto (1997), a curiosidade natural dos adolescentes é um dos fatores de maior relevância que leva à experimentação de drogas lícitas bem como ilícitas, seguida dos fatores externos como influência dos amigos, facilidade de obtenção das substâncias e os modismos. No que se refere à passagem da experimentação para o uso regular e manutenção do uso, fatores internos tais como a insegurança, os sintomas depressivos e as crises de angústia que, em muitos casos, fazem parte do adolecer normal, assumem maior relevância.

Atualmente, a maior disponibilidade das drogas, o baixo custo, a maior aceitação do uso pela sociedade e a concepção errônea considerando tal utilização como um comportamento dentro do padrão natural do desenvolvimento do adolescente, facilita com que este satisfaça sua curiosidade (SCIVOLETTO, 2001).

Conceitualmente droga pode ser definida como toda e qualquer substância que inalada, ingerida ou injetada, causa alterações no funcionamento de um órgão ou organismo. Já em termos usuais droga pode ser definida como uma substância psicoativa capaz de causar danos ao indivíduo que a consome. Seu consumo, como

foi dito, relaciona-se à inserção de um produto químico que afeta o organismo e inclui substâncias lícitas, ilícitas e até mesmo medicinais. O abuso do consumo de drogas pode ser definido quando estas alteram seu sistema nervoso central, interferindo ativamente na percepção do indivíduo, podendo intensificar ou deprimir o estado de ânimo ou as emoções. A dependência caracteriza-se pela presença de sinais e sintomas de origem cognitiva, fisiológica e psíquica que são indicativos da perda do controle do uso de tais substâncias psicoativas por parte do indivíduo e, apesar dos efeitos e conseqüências adversas, persiste na manutenção de seu uso (DUVICQ; PEREIRA; CARVALHO, 2004).

Em 1987 foi realizada pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID) uma pesquisa de abrangência nacional acerca do uso de drogas na idade escolar onde foram apontados alguns fatores de risco, e, naquela época, este estudo demonstrou uma tendência ao crescimento do consumo de drogas em todo território nacional (MARQUES; CRUZ, 2000; BAUS; KUPEK; PIRES, 2002).

Esses resultados demonstram a real importância de se ampliar os estudos e pesquisas sobre a prevalência do uso de drogas entre os adolescentes com o objetivo de implantar e desenvolver programas de prevenção específicos para esta faixa etária, considerando as particularidades de cada população, bem como as diferenças regionais, culturais, entre outras (BARBOSA; CARLINI-COTRIM; SILVA-FILHO, 1989). Nessa perspectiva, conforme Queiroz *et al.* (2001), o consumo de drogas deve ser compreendido como uma tríade interativa entre drogas, ambiente e o indivíduo, sendo a prevenção a melhor estratégia de intervenção nessa interação de forma a diminuir seu uso.

Apesar da problemática referente às drogas ser frequentemente abordada em veículos de comunicação, debates e palestras percebe-se que, quando relaciona-se à adolescência, este tema apresenta-se ainda como um tabu em muitas famílias brasileiras independentemente do extrato social, despertando a necessidade de um estudo de forma a elucidar os fatores que impulsionam os adolescentes a utilizá-las podendo contribuir, desta forma, para um conhecimento que fundamente medidas preventivas específicas para estes jovens.

Esta pesquisa é de suma importância para os profissionais de saúde incluindo o enfermeiro, uma vez que ele, dentro da equipe multiprofissional, realiza uma abordagem holística e integradora que tende à aproximar e conquistar a confiança e o respeito por parte das pessoas estabelecendo, consecutivamente, um vínculo mais proximal que facilita o diálogo acerca deste tema complexo e seus riscos à saúde.

O presente estudo visa identificar o consumo de diversas drogas lícitas e ilícitas entre os estudantes de uma escola pública do município de Timóteo, Minas Gerais, e discutir os fatores que podem desencadear sua utilização.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo com abordagem quantitativa do tipo descritiva realizado com alunos do ensino médio de uma escola pública estadual, localizada no município de Timóteo, Minas Gerais, situada a 200 quilômetros da capital, Belo Horizonte.

Para realização da pesquisa fez-se necessário um contato prévio com a instituição escolar, bem como o encaminhando de uma solicitação oficial à direção para obtenção da autorização e apresentação do projeto. Após aprovação, foi solicitada a assinatura de um Termo de Autorização por parte da direção, além da assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido por parte dos estudantes maiores de 18 anos e, pelos responsáveis, por parte dos estudantes menores.

Anterior à aplicação, realizou-se uma explicação clara e detalhada aos alunos sobre os objetivos da pesquisa, sua colaboração voluntária, a possibilidade de abandonarem o estudo a qualquer momento até a tabulação dos dados, garantindo-lhes enfaticamente o caráter anônimo e confidencial do instrumento de pesquisa. Dúvidas sobre as questões foram respondidas.

Como instrumento utilizou-se um questionário fechado de autopreenchimento, elaborado e adaptado de Gouveia *et al.* (2007), Guerrero *et al.* (2007), Kerr-Corrêa *et al.* (2001) e a partir de critérios da Organização Mundial da Saúde (1997). Para garantir o anonimato, o instrumento utilizado não continha qualquer marca, código, número ou espaçamento para assinalar o nome ou turma, não permitindo, desta forma, a identificação do entrevistado. Ainda visando o anonimato, todos os alunos foram orientados a preencherem o questionário utilizando caneta esferográfica de tinta azul.

Foi utilizada também a Escala de Atitudes Frente ao Uso de Drogas (EAAUD) elaborada por Gouveia *et al.* (2007). A mencionada escala organiza-se em quatro linhas cujas colunas variam de - 4 à +4, quanto a estar sobre o efeito de drogas, onde essa variação refere-se à percepção de Positivo-Negativo; Agradável-Desagradável; Bom-Ruim e Desejável-Indesejável.

Como critério de inclusão amostral, adotou-se o limite etário máximo de 19 anos de idade bem como estar regularmente matriculado na referida escola.

Os questionários foram aplicados somente aos alunos cujo termo de consentimento estava preenchido. A coleta de dados ocorreu de forma coletiva no mês de março de 2008 no período letivo regular utilizando a própria sala de aula como espaço físico. O instrumento foi distribuído pelo autor e, durante todo o procedimento, os professores, à pedido do autor, ausentaram-se da sala de aula e, ao final, os questionários foram depositados, pelos próprios alunos, em urnas fechadas.

Todos os alunos abordados estavam regularmente matriculados na instituição de ensino e nenhum deles se recusou a responder aos questionários.

Foram aplicados um total de setenta e dois questionários sendo excluídos durante a tabulação dos dados um questionário em branco, dois por preenchimento incompleto, três por preenchimento errôneo e um por relacionar-se à jovens maiores de 19 anos de idade, totalizando uma amostra válida de sessenta e cinco alunos.

Após a coleta dos dados estes foram categorizados e posteriormente tratados através de estatística descritiva, exceto os dados da escala EAAUD de Gouveia *et al.* (2007), cuja média da pontuação foi obtida para cada respondente e convertidos os valores para uma variação de 0 (percepção máxima favorável ao uso de drogas) à 8 (percepção máxima desfavorável ao uso de drogas) de forma a permitir uma comparação da pontuação dos jovens que já utilizaram drogas com a pontuação dos jovens que declararam não ter utilizado. Esses últimos dados foram analisados utilizando-se o *software* Minitab Versão 15 e, após a aplicação do teste de

normalidade de Ryan-Joiner que apontou que os mesmos não seguem distribuição normal, tais dados foram tratados com o teste não-paramétrico de Mann-Whitney para verificar a independência entre as variáveis, com nível de significância de 0,05.

Este estudo contemplou a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde que regulamenta a pesquisa com seres humanos.

RESULTADOS

Da amostragem total 63,08% correspondeu ao gênero feminino enquanto 36,92% ao gênero masculino.

Quanto a idade, a amostra era composta pelas faixas etárias de 14 à 19 anos sendo, 63,07% de indivíduos entre 16 e 17 anos, 26,15% de indivíduos entre 14 e 15 anos e 10,78% com 18 e 19 anos.

Segundo Canzian (2006), no Brasil existem 7 classes sociais. Ao analisar o nível socioeconômico, a maioria dos estudados pertencia à classe D (55,38%) cuja renda média mensal domiciliar relaciona-se à R\$ 776,00, seguida pela C (21,54%) onde observa-se uma renda igual à R\$ 1.370,00, pela E (18,46%) cuja renda média mensal da família encontra-se em R\$ 441,00 e uma minoria integrante à classe B₂ (4,62%) cuja renda média mensal relaciona-se à R\$2.397,00. Segundo Conte *et al.* (2007), fatores econômicos, políticos e ideais sociais de consumo constituem-se em fatores de risco para uso de drogas agravando-se ainda mais pela carência de investimento em políticas públicas compensatórias e pela desmoralização aos direitos humanos dos cidadãos. Nesta análise, a problemática referente às drogas tem uma base no social, sendo que, sua solução definitiva, perpassa em uma reestruturação econômica e social do país. Sendo o maior percentual dos jovens pertencentes à classe D, há pela lógica do autor supracitado, uma necessidade de se trabalhar preventivamente este grupo de adolescentes no que tange à problemática referente às drogas.

O relacionamento conjugal dos pais/padrastos também foi objeto de estudo uma vez que Pechansky *et al.* (2006) afirma que conflitos familiares bem como a estrutura familiar precária constituem em fatores de risco para utilização de drogas por parte dos adolescentes. Sobre esse relacionamento, 56,93% dos entrevistados relataram que os pais vivem juntos com bom relacionamento, 18,46% vivem com pais separados que não apresentam bom relacionamento, 9,23% vivem com pais juntos com relacionamento regular/ruim, 9,23% vivem com pais separados que mantêm bom relacionamento conjugal e 6,15% possuem pai ou mãe já falecidos. Tavares, Béria e Lima (2004) demonstram que 15,31% dos adolescentes cujos pais vivem juntos, 23,70% cujos pais são separados e 18,90% cujo pai ou mãe faleceram, fizeram uso de drogas lícitas ou ilícitas em algum momento da vida. No presente estudo ao confrontar o percentual entre os estudantes que declaram ter experimentado algum tipo de droga com a vida conjugal de seus pais, observou-se que 66,66% afirmaram união estável entre os mesmos, sendo que destes, 85,00% mantêm um bom relacionamento conjugal e 15,00% mantêm um relacionamento regular à ruim. Em contrapartida, 33,34% dos alunos que declararam ter experimentado algum tipo de droga afirmam que os pais vivem separados, sendo que destes, 60,00% apresentam relacionamento regular ou ruim e 40,00% apresentam bom relacionamento.

A família é o alicerce de qualquer indivíduo uma vez que esta é responsável pela elaboração de relações primárias e a base de seu desenvolvimento, e uma vez que esta apresenta-se desestruturada, o adolescente procura preencher essa lacuna na rua com amigos próximos e, dependendo da situação vivenciada, pode ser incentivado à experimentação e ao uso de drogas (SCHENKER; MINAYO, 2003). Este dado remete à importância da união conjugal dos pais como alicerce para o desenvolvimento psicossocial do adolescente e manutenção de vínculos afetivos tão fundamentais para esta fase da vida.

Tabela 1 Atividade apontada pelos adolescentes como preferida durante seus horários livres.

Atividades preferidas	Porcentagem
Sair com amigos/ namorado (a)	30,76%
Assistir Televisão	12,31%
Acessar internet ou computador	7,69%
Ir a igreja ou instituição religiosa	7,69%
Freqüentar Festas (Boites, bares)	7,69%
Freqüentar clubes/ praticar esportes	7,69%
Sair com a família	3,08%
Ler livros	3,08%
Não fazem nenhuma atividade	3,08%
Atividade cultural (cinema, teatro)	0,00%

Mediante análise da TAB.1 e conforme Menezes (2005) e Scivoletto (1997), a tendência grupal e a formação de novos contatos sociais, configuram-se em uma característica natural da adolescência. Os dados obtidos nesse estudo demonstram claramente a necessidade da implantação de um ambiente envolvendo atividades culturais onde os adolescentes possam dialogar, relatar medos, carências e descobertas com outros adolescentes, socializar experiências e estabelecer novos laços de amizade. Para isso, faz-se necessário o investimento em espaços recreativos além da reestruturação dos programas destinados à esta clientela de forma à contribuir para o preenchimento das necessidades afetivas, criando, consecutivamente, um vínculo entre o bem estar físico e emocional.

Segundo Barros *et al.* (2002), assistir televisão e o tempo dispensado aos amigos são atividades de maior destaque no que se refere ao tempo livre dos adolescentes. Nesta análise, os meios de comunicação ao exibir propagandas com belas imagens associando fumantes e usuários de álcool à pessoas bonitas, ricas e bem sucedidas podem, hipoteticamente, iludir as crianças e os adolescentes e resultar no estímulo ao consumo (TAVARES; BÉRIA; LIMA, 2004).

Diante do exposto, a equipe multiprofissional de saúde deve articular-se de forma à promover atividades recreativas e culturais esquecidas atualmente pelos jovens além de incentivar a prática esportiva de forma à proporcionar um espaço onde este possa se expressar, interagir, perceber seu valor enquanto cidadão, e, concomitantemente, socializar-se junto à família. Vale salientar a importância de se desmistificar a imagem da droga como produtora de prazer e facilitadora de boas relações.

Sobre a utilização de drogas lícitas e ilícitas, 53,85% dos estudantes relataram que nunca fizeram uso de tais substâncias, enquanto que, 46,15% já utilizaram algum tipo de droga na vida. Dentre os que não utilizaram, 13,84% gostariam de experimentar, 26,23% não assinalaram e 59,93% indicaram que,

mesmo diante da possibilidade, não utilizariam. Duvicq, Pereira e Carvalho (2004) no estudo realizado com 301 alunos do sexto ano básico de escolas municipais de Chiguayante no Chile, constataram que 4,31% dos entrevistados gostariam de experimentar tais substâncias psicoativas, 82,72% não gostariam enquanto 12,95% não responderam a esse questionamento. Esta diferença encontrada entre os dois estudos pode ser justificada a partir do exposto por Scivoletto (2001) onde a maior ou menor utilização de tais substâncias podem sofrer variações a partir de diferenças culturais e geográficas. Cabe aqui destacar que a partir da EAAUD a pontuação média entre os adolescentes que relataram ter utilizado algum tipo de droga foi igual à 3,68, já para aqueles que relataram não ter utilizado foi de 6,21 e o teste de independência de Mann-Whitney foi estatisticamente significativo ($w=1466,5$; $p < 0,001$), ou seja, a percepção dos adolescentes quanto a estar sob o efeito de drogas parece interferir na decisão do uso, cabendo aos profissionais que atuam na prevenção do uso e abuso de drogas, trabalhar a percepção do efeito destas substâncias.

Tabela 2 Distribuição quanto ao uso de drogas e tipos das mesmas.

Drogas	Porcentagem
Nunca utilizaram	50,76%
Álcool e cigarro (tabaco)	18,47%
Maconha, álcool e cigarro.	12,31%
Somente álcool	6,15%
Somente maconha	3,07%
LSD	1,54%
Cocaína, álcool e tabaco (cigarro)	1,54%
Álcool e éter associado ao clorofórmio (loló)	1,54%
Maconha, álcool, tabaco e crack	1,54%
Maconha, cocaína, álcool e tabaco.	1,54%
Cocaína e tabaco	1,54%
Ecstasy	0,00%

Dados do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (2004), apontam que em Belo Horizonte, Minas Gerais, 67,60% dos adolescentes já utilizaram álcool, 24,60% tabaco, 7,10% maconha, 4,20% cocaína e 1,40% já utilizaram crack em algum momento da vida. Segundo Duvicq, Pereira e Carvalho (2004), 31,25% dos adolescentes já consumiram álcool, 40,00% cigarro e 28,75% já consumiram simultaneamente álcool e cigarro. Esta diferenciação percentual encontrada entre os estudos pode estar relacionada à influência social e econômica no que concerne à utilização de drogas e outras substâncias (SCIVOLETTO, 2001).

Segundo Nicolato *et al.* (2007), atualmente observa-se um aumento exponencial do consumo de ecstasy, principalmente entre os adolescentes. Contraditoriamente, conforme constatado na TAB.2, neste estudo não houve relato da utilização de tal droga talvez devido à incompatibilidade da renda geral da amostra com o valor desta substância.

Segundo Scivoletto (2001) e Silber; Souza; Pagnoncelli (1998), os adolescentes utilizam as drogas por curiosidade, por diversão, por pressão do grupo social, ansiedade e devido à baixa estima pessoal. No presente estudo, dentre os fatores apontados pelos adolescentes que relataram consumo anterior de drogas como motivador à utilização, observou-se que 18,47% apontaram a curiosidade, 15,38% a diversão e o prazer proporcionado pela(s) substância(s), 7,69% indicaram

a influência de amigos ou namorado(a) e 6,16% relacionaram ao alívio do estresse diário enquanto 52,30% relataram nunca terem utilizado. Estes dados reforçam a importância da orientação pelo profissional de saúde no sentido de esclarecer as dúvidas pertinentes sobre esse tema, principalmente sobre os efeitos, sensações e conseqüências das drogas no organismo para que a curiosidade não seja despertada entre os adolescentes e, paralelamente, a necessidade de uma articulação entre o serviço de saúde e à instituição de ensino de forma a potencializar o acesso à informação.

Dentre os motivos apontados pelos adolescentes para não utilização, 36,93% afirmaram que as drogas não têm significância em sua vida, 16,93% destacaram o medo das conseqüências, 3,07% atribuíram à influência religiosa, 3,07% relacionaram ao medo da descoberta por parte da família, sendo que, 41,53% não responderam, pois, já haviam utilizado tais substâncias. Este dado remete à importância de um diálogo aberto com os adolescentes, enfatizando as conseqüências da utilização de tais substâncias, e, apontando, a priori, o caminho da atividade física bem como envolvimento em atividades prazerosas como alternativas que possam combater ou minimizar a utilização por parte desta parcela populacional.

Tabela 3 Relação entre local ou pessoa que proporcionou o aprendizado sobre drogas.

Local / Pessoa que ensinou o que sabe sobre drogas	Porcentagem
Escola	40,00%
Amigos	13,84%
Rua	9,24%
Pais	7,69%
Mãe	7,69%
Não souberam dizer	4,62%
Televisão	4,62%
Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (PROERD)	3,07%
Livros	3,07%
Parentes (primo)	1,54%
Vizinho	1,54%
Irmão	1,54%
Vários lugares	1,54%

Na TAB. 3 percebe-se que a maioria dos adolescentes aprenderam o que sabem sobre drogas no ambiente escolar, com os amigos e até mesmo na rua, demonstrando a relevância do professor na formação de uma reflexão crítica acerca dos prejuízos ocasionados pela droga. Apesar de 40,00% apontarem a escola como responsável pela informação adquirida sobre as drogas, é importante destacar que não se pode afirmar que estas informações tenham sido passadas pelos professores, uma vez que, o termo escola é bastante amplo, onde os adolescentes estabelecem contatos com outros de sua faixa etária podendo ser influenciados ao uso por outros além de participarem de palestras informativas ministradas por outros profissionais.

No que se refere à utilização e freqüência do uso de álcool, 41,54% relataram que já fizeram uso alguma vez na vida, 20,00% nunca utilizaram, 12,31% utilizaram no último mês, 12,31% utilizaram uma ou mais vezes na semana, 10,77% utilizaram em uma freqüência menor do que uma vez na semana e 3,07% afirmaram que utilizam diariamente. Guimarães *et al.* (2004) afirma que 67,60% dos adolescentes já

utilizaram álcool enquanto Baús, Kupek e Pires (2002) demonstram que 86,81% já utilizaram álcool na vida; prevalência próxima à descrita por Queiroz *et al.* (2001) de 82,60%. Segundo Marques e Cruz (2000), nos Estados Unidos, 50,04% dos estudantes do nível médio já utilizaram álcool sendo que 31% destes chegam a se embriagar mensalmente. Pechansky, Szobot e Scivoletto (2004) descrevem que 48,30% dos adolescentes já fizeram uso de álcool enquanto Carlini *et al.* (2001) aponta um índice de 53,20%.

Sobre a utilização e frequência do uso do cigarro (tabaco), observa-se uma abrupta redução quando comparado ao uso do álcool sendo que, 50,76% dos entrevistados relataram que nunca utilizaram, 23,03% utilizaram alguma vez na vida, 12,31% utilizam uma vez por semana, 6,16% utilizaram no último mês, 6,16% fazem uso diário e 1,54% utilizam uma ou mais vezes por semana. Segundo Guimarães *et al.* (2004), 22,2% dos adolescentes já usaram tabaco alguma vez na vida, Silber; Souza e Pagnoncelli (1998) encontraram uso de 28% por parte dos entrevistados. Segundo Carlini *et al.* (2001) 39,02% já fizeram uso desta substância enquanto Queiroz *et al.* (2001) aponta um índice de utilização de 49,20%.

Para as drogas ilícitas, 70,76% dos adolescentes afirmaram que nunca utilizaram, 16,92% já consumiram alguma vez na vida, 4,62% usaram menos que uma vez na semana, 3,08% usam diariamente, 3,08% usam uma ou mais vezes por semana e 1,54% utilizaram no último mês. Segundo Silber; Souza e Pagnoncelli (1998), 22,80% dos entrevistados já utilizaram substâncias ilícitas enquanto Carlini *et al.* (2001) relata que 11,60% já usaram alguma vez na vida. Segundo Souza e Martins (1998), 25,20% dos adolescentes já utilizaram tais substâncias, 5,3% utilizaram no último mês e 4,00% utilizam diariamente. Para Scivoletto (2001), 24,6% já utilizaram alguma vez na vida e 3,20% usam regularmente. Diante do exposto, observa-se a importância de um maior investimento em políticas públicas que possibilitem a divulgação em massa do “risco” do uso de drogas pelos adolescentes através de palestras, mini-cursos e investimentos em projetos sociais, uma vez que, o jovem inserido em espaços educativos, fica automaticamente longe do “mundo” das drogas.

Dentre os participantes da pesquisa, 90,76% não acreditam que as drogas representam uma solução para os problemas enfrentados em nossas vidas, enquanto 9,24% indicam esse caminho como resolutivo. Segundo Silber; Souza e Pagnoncelli (1998) durante o efeito das substâncias, o indivíduo tem a sensação de libertação frente aos problemas vivenciados, mas, findado a ação da mesma, os problemas parecem intensificados e o indivíduo retorna a utilizá-la para obter novamente a sensação prazerosa, levando ao vício. O diálogo é o principal caminho para lidar com esta problemática que devasta o caráter, a personalidade, a família e conseqüentemente o indivíduo.

A tristeza, os sintomas depressivos, as crises de angústias e a insegurança constituem-se em fatores de risco para a utilização de drogas e, todas essas manifestações, fazem parte da adolescência normal e relacionam-se a fatores internos (PECHANSKY *et al.*, 2006; SCIVOLETTO, 2001; SILBER; SOUZA; PAGNONCELLI, 1998). Mediante este fator, os adolescentes foram indagados quanto ao estado emotivo onde encontrou-se que 58,46% não sentem-se tristes, enquanto 41,54% tem se sentido ou encontravam-se tristes no dia da aplicação do questionário. Vale mencionar a importância da valorização da auto-estima de forma a minimizar os sentimentos depressivos naturais desta fase, principalmente

estabelecendo vínculos proximais entre os adolescentes e a família, possibilitando que estes percebam que são amados e, minimizando, concomitantemente, a lacuna afetiva desses jovens com a família.

Tabela 4 Relação entre confiança frente à um problema vivenciado.

Pessoas de confiança	Porcentagem
Amigos / namorado (a)	52,30%
Mãe	30,77%
Ninguém	12,31%
Pai	3,08%
Outros	1,54%

Conforme observado na TAB.4, os adolescentes tendem a afastar-se da família e adotam a formação de grupos; os amigos nesta fase passam a ter uma importância prioritária na vida destes jovens. Estes grupos representam nesta fase, uma segurança frente aos problemas vivenciados e exercem influência direta sobre os indivíduos que os compõem. Outros adolescentes devido a baixa estima acabam se isolando, fechando-se para o estabelecimento de novas amizades e vínculos que podem comprometer sua vida social futura e potencializar os sintomas depressivos clássicos desta fase da vida maximizando os fatores de risco para a utilização de drogas (SCIVOLETTO, 2001; SCHENKER; MINAYO, 2003).

A formação de um grupo para adolescente envolvendo um trabalho multidisciplinar, neste aspecto, seria importante, pois representaria um elo intermediário entre a família e a sociedade, permitindo à estes indivíduos a manifestação de suas opiniões e experimentação de novos papéis, contribuindo, paralelamente, na valorização da auto estima e minimizando a vergonha, os sentimentos de culpa e o preconceito.

Segundo Faustini *et al.* (2003), as escolas deveriam assumir papéis mais atuantes de caráter informativo, pois, de qualquer modo, os jovens estão hoje submetidos à cultura das drogas. As escolas têm um papel fundamental no combate ao uso de drogas e, de uma forma mais efetiva, devem buscar parcerias com outros profissionais no que tange à esta abordagem.

Tabela 5 Relação entre escola e seu papel educador sobre drogas.

Papel importante que a escola poderia desenvolver	Porcentagem
Orientação dos professores	35,38%
Promoção de palestras educativas	29,23%
Não respondeu	20,00%
Desenvolvimento de projetos	6,15%
Visitação a entidades anti-drogas	3,08%
Promoção de debates	1,54%
Elaboração de panfletos	1,54%
Adotarem medidas internas mais rígidas	1,54%
Permitindo o uso de tabaco no ambiente intra-escolar	1,54%

Mediante os problemas ocasionados pelo uso de drogas, 81,53% dos entrevistados apontaram que a escola deveria ter um papel mais ativo nesse assunto enquanto 18,46% não atribuíram à escola essa importância. Dos 81,53%, grande parte (35,38%) atribuiu ao professor a importância na orientação sobre este tema conforme demonstrado na TAB. 5.

A educação em saúde na adolescência deve ser reconhecida e desenvolvida pelas autoridades, família, escola, profissionais de saúde e a comunidade em geral. Nesse processo, a equipe multidisciplinar deve articular-se com a equipe educacional, comprometendo-se com a comunidade e a família dos adolescentes, promovendo debates, reflexões, estudos e metodologias diferenciadas no atendimento ao adolescente.

Segundo Dejours (1986), durante o exercício profissional, os profissionais de saúde devem atentar-se para os indícios que evidenciam alguma irregularidade com o adolescente, além de estabelecer a distinção entre abuso e dependência para que o planejamento e desenvolvimento das intervenções sejam efetivas e apropriadas.

O enfermeiro da unidade básica de saúde assim como os demais profissionais inseridos em educação básica ou na Estratégia de Saúde da Família deveriam traçar estratégias juntamente com os professores, governo e pais de forma a estabelecer a tríade saúde-educação-família, promovendo desta forma o pleno bem estar psicossocial do indivíduo.

CONCLUSÃO

A adolescência é uma fase na vida do indivíduo muitas vezes geradora de conflitos, indagações e questionamentos que impulsionam o adolescente à busca de solução para seus problemas momentâneos. Nessa busca, as drogas, lícitas ou não, podem surgir como uma possibilidade. Neste contexto, é imprescindível cuidar dos adolescentes para que eles possam ter um bom desenvolvimento físico aliado ao emocional. Esta fase de transição para a idade adulta deve ser realizada de maneira gradativa, aproximando cada um dos diferentes meandros que a vida adulta exige e permitindo que os adolescentes estejam amparados pelos diversos segmentos que os acompanham ou o assistem tais como os pais, educadores, profissionais de saúde, dentre outros.

Os adolescentes devem encontrar auxílio em um ambiente para o diálogo, dúvidas, descobertas, medos e carências que possa suprir as inseguranças, a descrença para, potencialmente, tornarem-se capazes de se autogerir dentro de uma sociedade.

Faz-se necessária a criação de um espaço onde as famílias possam trabalhar e serem trabalhadas, tanto em suas ansiedades e conflitos quanto no relacionamento com os adolescentes e, para que isso ocorra, é necessária a formação de uma equipe multidisciplinar no atendimento diferencial à essa clientela, possibilitando um trabalho integral, holístico e acolhedor em que os aspectos educativos e assistenciais possam ser devidamente contemplados e, paralelamente, buscando trabalhar dentre outras questões a percepção dos adolescentes quanto ao estar sob o efeito de drogas, pois esse pode ser um fator de proteção se discutido sem preconceitos e/ou juízo de valores, de forma ampla, transcendendo ao efeito biológico.

Vale ressaltar que o atendimento ao adolescente não se constitui em uma dificuldade, mas demanda uma abordagem metodológica diferenciada de forma a contemplá-lo holisticamente. O enfermeiro ao trabalhar com estas pessoas deve compreender que a adolescência não é somente uma fase difícil, mas que o seu preparo e sua competência profissional transformam os possíveis obstáculos em oportunidades de crescimento.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, M.T.S.; CARLINI-COTRIM, B.; SILVA-FILHO, A.R. O uso de tabaco por estudantes de primeiro e segundo grau em dez capitais brasileiras: possíveis contribuições da estatística multivariada para a compreensão do fenômeno. *Revista de Saúde Pública*, v. 23, n. 5, p. 401-9, 1989.

BARROS, R; COSCARELLI, P; COUTINHO, M.F.G; FONSECA, A.F. O uso do tempo livre por adolescentes em uma comunidade metropolitana no Brasil. *Adolesc. Latinoam*, v. 3, n. 2, p. 53-63, 2002.

BAUS, J; KUPEK, E; PIRES, M. Prevalência e fatores de risco relacionados ao uso de drogas entre escolares. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 36, n. 1, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102002000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 jan 2008.

CANZIAN, F. As 7 classes sociais do Brasil em 2006. *Jornal Folha de São Paulo*, São Paulo, p. B3, 2006. Disponível em: <<http://www.ai.com.br/pessoal/indices/class-es.htm>>. Acessado em: 20 mar 2008.

CARLINI, E.A; GALDURÓZ, J.C.G; NOTO, A.R., NAPPO, S.A. I Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas no Brasil – 2001. Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas - Departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina e SENAD – Secretaria Nacional Antidrogas, Presidência da República, Gabinete de Segurança Nacional; 2002. p. 480.

CONTE, M; OLIVEIRA, C.S; HENN, R.S; Wolff, M.P. Consumismo, uso de drogas e criminalidade: riscos e responsabilidades. *Revista Psicologia: ciência e profissão*, v. 27, n. 1, p.94-105. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932007000100008>. Acesso em 06 abr 2008.

DEJOURS, C. Por um novo conceito de saúde. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, São Paulo, v.14, n. 1,1986.

DUVICQ, C.G.F; PEREIRA, N.R; CARVALHO, A.N.P. O consumo de drogas lícitas e ilícitas por estudantes e fatores de proteção e de risco. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 12, n. spe, p. 345-351, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692004000700008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 set 2007.

FAUSTINI, D.M.T; NOVO, N.F; CURY, M.C.F.S; JULIANO, Y. Programa de orientação desenvolvido com adolescentes em centro de saúde: conhecimentos adquiridos sobre os temas abordados por uma equipe multidisciplinar. *Revista Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 783-790, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v8n3/17458.pdf>>. Acesso em: 29 mar 2008.

GOUVEIA, V.V.; PIMENTEL, C.E.; MEDEIROS, E.D.; GOUVEIA, R.; PALMEIRA, J. Escala de atitudes frente ao uso de drogas: evidências de validade fatorial e preditiva. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, v. 56, n. 01, p. 53-59, 2007.

GUERRERO, M.B; FIGUEIREDO, R.A; BRANDÃO JR., W.O; PINTO, E.R. O Consumo de drogas lícitas entre discentes da faculdade de matemática. *Revista Eletrônica da Faculdade de Matemática*, Uberlândia, p. 179-184, 2007. Disponível em <<http://www.famat.ufu.br/revista/revistaabril2007/salaaula/EnsinoMatheusRafaelWeyder%20Edmilson.pdf>>. Acesso em: 01 mar 2008.

GUIMARAES, J.L; GODINHO, P.H; CRUZ, R; KAPPANN, J.I; JÚNIOR-TOSTA, L.A. Consumo de drogas psicoativas por adolescentes escolares de Assis, SP. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 38, n. 1, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003489102004000100018&Ing=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 set 2007.

KERR-CORRÊA, F., DALBEN, I., TRINCA, L. A., SIMÃO, M. O., MATTOS, P. F., RAMOS-CERQUEIRA, A. T. A., & MENDES, A. A. Primeiro levantamento do uso de álcool e de drogas e das condições gerais de vida dos estudantes da UNESP (1998). *Série Pesquisa Vunesp*, 14. São Paulo: Editora da Fundação para o Vestibular da Universidade Estadual Paulista, 2001.

LIMA, J.M.B. Alcoolismo, saúde do trabalhador e a universidade. *Revista Brasileira de Neurologia*, São Paulo, v. 31, p. 149-50, 1995.

MARQUES, A.C.P.R; CRUZ, M.S. O adolescente e o uso de drogas. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, São Paulo, v. 22, n. supl 2, , p. 32-35, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-4446200000060009&Ing=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 set 2007.

MENEZES, S. Adolescência x Droga. *Revista de Psicologia Catharsis*, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://www.revistapsicologia.com.br/materias/_adolescencia_drogas.htm>, Acesso em: 22 de set 2007.

NICOLATO, R; PACHECO, J; BOSON, L; LEITE, R; SALGADO, J.V; ROMANO-SILVA, M.A; TEIXEIRA, A.L; CORRÊA, H. Síndrome de Cotard associada ao uso de ecstasy. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, v. 56, n. 1, p. 64-66, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852007000100014&Ing=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 abr 2008.

OMS. Organização Mundial da Saúde. *Necesidades de Salud de los Adolescentes*. Série de Informes Técnicos (609). Genebra: OMS. 1997.

PECHANSKY, F; DIEMEN, L.V; MICHELI, D; AMARAL, M.B. Fatores de risco e proteção em diferentes grupos de usuários: mulheres, adolescentes, idosos, indígenas. In: RONZANI, T.M. *Detecção do uso abusivo e diagnóstico da dependência de substâncias psicoativas*. Brasília: Secretaria Nacional Antidrogas, 2006. p. 56-66.

PECHANSKY, F; SZOBOT, C.M; SCIVOLETTO, S. Uso de álcool entre adolescentes: conceitos, características epidemiológicas e fatores etiopatogênicos. *Rev. Bras. Psiquiatr.*, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462004000500005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 set 2007.

QUEIROZ, S; SCIVOLETTO, S; SILVA, M.M.S; STRASSMAN, P.G; ANDRADE, A.G; GATTAZ, W.F. Uso de drogas entre estudantes de uma escola pública de São Paulo. *Rev. Psiq. Clín*, São Paulo, v. 28, n. 4, p. 176-182, 2001. Disponível em: <http://www.hcnet.usp.br/ipq/revista/28_4/artigos/art176.htm>. Acesso em: 02 mar 2008.

SCIVOLETTO, S. *Tratamento psiquiátrico ambulatorial de adolescentes usuários de drogas – características sócio-demográficas, a progressão do consumo de substâncias psicoativas e fatores preditivos de aderência e evolução no tratamento*. 1997. 127 f. Tese (Doutorado em Psiquiatria) - Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1997.

SCIVOLETTO, S. Abuso e dependência de drogas. In: Maria Ignez Saito; Luiz Eduardo Vargas da Silva. (Org.). *Adolescência prevenção e risco*. São Paulo: Atheneu, 2001.

SCHENKER, M; MINAYO, M.C.S. A implicação da família no uso abusivo de drogas: uma revisão crítica. *Revista Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 8, n.1, p. 299-306, 2003. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/csc/v8n1/a22v08n1.pdf>>. Acesso em: 30 mar 2008.

SILBER, T.J; SOUZA, J; PAGNONCELLI, R. Uso e abuso de drogas na adolescência: o que se deve saber e o que se pode fazer. *Adolesc. Latinoam*. v. 1, n. 3, p.148-162, 1998. Disponível em: <http://ral-adolesc.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-71301998000300004&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 29 mar 2008.

SOUZA, D.P.O; MARTINS, D.T.O. An epidemiological profile of drug abuse among elementary and high school students in the Cuiabá public school system, Brazil, 1995. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X199800020002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 mar 2008.

TAVARES, B.F; BERIA, J.U; LIMA, M.S. Fatores associados ao uso de drogas entre adolescentes escolares. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 38, n. 6, p. 787-796, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102004000600006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 set 2007.